



O bilinguismo em aldeias Galibi-Marworno e Karipuna

Bilingualism in Galibi-Marworno and Karipuna Villages

Amanda da Costa Carvalho
Universidade Federal do Amapá¹

Resumo. Neste trabalho analiso a situação sociolinguística de aldeias indígenas Galibi-Marworno (Kumarumã e Tukay) e Karipuna (Manga e Santa Isabel) referente ao bilinguismo social dos falantes de Kheuól e Português Brasileiro Indígena. O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar brevemente as respostas de duas perguntas do Questionário Sociolinguístico do projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras (CABRAL et al., 2015), sendo elas: “Como aprendeu a falar Kheuól/Português?” e “Com quem você fala Kheuól/Português?”. Observou-se que línguas kheuól e português são presentes nas quatro aldeias pesquisadas. No cotidiano dos falantes Galibi-Marworno a língua mais “forte” é o kheuól, tendo em vista que as ações cotidianas são todas feitas na língua indígena, já o português é reservado apenas quando há contato com não indígenas. Para os Karipuna entrevistados, a língua mais utilizada no cotidiano é o português, sendo que o kheuól é mais falado na escola e em eventos religiosos, principalmente com as pessoas mais velhas da família.

Palavras-Chave: Bilinguismo; Kheuól; Português; Galibi-Marworno; Karipuna.

Abstract. In this paper, I analyze the sociolinguistic situation of Galibi-Marworno (Kumarumã and Tukay) and Karipuna (Manga and Santa Isabel) indigenous villages regarding the social bilingualism of Kheuól and Brazilian Portuguese speakers. The general purpose of this research is to briefly describe and analyze the answers to two questions from the Socio-Linguistic Questionnaire of the Sound Atlas of Brazilian Indigenous Languages project (CABRAL et al., 2015), namely: “How did you learn to speak Kheuól / Portuguese?” And “Who do you talk to Kheuól / Portuguese?”. It was observed that Kheuól and Portuguese languages are present in the four surveyed villages. In the daily lives of Galibi-Marworno speakers, the strongest language is Kheuól, given that everyday actions are all done in the indigenous language, while Portuguese is reserved only when there is contact with non-indigenous people. For the interviewed Karipuna, the most used language in daily life is Portuguese, and kheuól is most spoken at school and in religious events, especially with older people in the family.

Keywords: Bilingualism; Kheuól; Portuguese; Galibi-Marworno; Karipuna.

1. Introdução

Habitantes das Terras Indígenas (TI) Uaçá, Galibi e Juminã, localizadas no município de Oiapoque no Estado do Amapá, os Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi do Oiapoque (Kalinã) e Palikur são povos conhecidos pelas suas respectivas riquezas culturais, sociais e conseqüentemente linguísticas.

A diversidade linguística da região resultou em uma população falante de diversas línguas de diferentes origens étnicas, tais como: Português Brasileiro, Francês, Kheuól (Crioulo de base francesa falado como primeira língua em aldeias Karipuna e Galibi-Marworno com fonologia e léxico diferenciados), Palikur (Aruak) e os Galibi do Oiapoque (Karib).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGA). Museu do Índio/PRODOCLIN.





Referente à língua Kheuól, embora dois povos falem a “mesma língua”, diversos pesquisadores têm se preocupado na descrição e documentação das diferenças dialetais que particularizam os povos Galibi-Marworno e Karipuna², porém pouco ainda se discute sobre o bilinguismo decorrente desse contexto multilinguístico. Por isso, a necessidade de retratar a atual situação sociolinguística desses povos é urgente e necessária.

Nessa perspectiva, o artigo em questão tem como objetivo geral descrever e analisar brevemente as respostas de três perguntas do Questionário Sociolinguístico do Projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras (CABRAL et al., 2015), sendo elas: “Como aprendeu a falar Kheuól/Português?”; “Com quem você fala Kheuól/ Português?” e; “Em que locais e situações você fala Kheuól/Português?”, buscando destacar as características sociolinguísticas das aldeias com maior quantitativo populacional dos povos Karipuna, através das aldeias Manga e Santa Isabel, e Galibi-Marworno, nas aldeias Kumarumã e Tukay.

Assim, o trabalho foi dividido em três momentos. O primeiro aborda os aspectos histórico-linguísticos das comunidades Galibi-Marworno e Karipuna. O segundo apresenta o Bilinguismo em sua perspectiva individual e social. E o terceiro, e último, exhibe a metodologia e os resultados dos dados coletados nas aldeias pesquisadas.

2. Os povos indígenas do Oiapoque: os Galibi-Marworno e Karipuna

O Amapá foi um estado pioneiro no reconhecimento de TIs, tendo em vista que todas as terras reivindicadas pelos indígenas obtiveram sucesso em suas demarcações e homologações (GALLOIS; GRUPIONI, 2003). O município de Oiapoque é conhecido pela grande variedade étnica tanto indígena quanto não indígena, refletindo a multiculturalidade linguística da região que consequentemente contribui para a formação identitária amazônica. A atual composição étnica dessa região é a consequência de um processo histórico ardiloso de refúgio de populações ameríndias de diferentes origens, juntamente de negros escravizados durante o período colonial.

A região do Estado do Amapá, segundo Vidal (2009), desde o final do século XVI, foi alvo de nações colonizadoras europeias, que perceberam a riqueza do espaço. Por isso, foram realizadas diversas atividades com diferentes intenções com a população nativa: fazer prisioneiros, estabelecer missões, realizar escambos, construir feitorias e colônias. Ao longo dos séculos, nativos e estrangeiros, de acordo com as contingências e os próprios interesses, estabeleceram alianças, fizeram trocas ou entraram em guerra.

De acordo com Nimeuendaju (1926), os primeiros registros sobre as sociedades Galibi-Marworno e Karipuna se dá logo após a época do Brasil Colônia. A respeito da origem Karipuna, Picanço Montejo (2003) e Anonby (2007) informam que a Revolta dos Cabanos (doravante Cabanagem) em 1830, no Grão Pará, foi o pontapé inicial. Grupos formados por ameríndios de língua Tupi, habitantes das proximidades do rio Tocantins, agricultores e pobres fugiram pelo Estreito de Breves na foz do rio Amazonas. Inicialmente, estabeleceram-se no rio Ouanari, na Guiana Francesa e depois alojaram-se a margem direita do rio Oiapoque, no alto Curipi.

² Para maiores detalhes, consultar Carvalho (2019).





No entanto, devido a problemas na localidade, que alguns autores classificam como uma epidemia de sarampo (ARNAUD, 1969) ou por infestação de formigas (PICANÇO MONTEJO, 2003), os indígenas mudaram-se para o curso médio do rio Oiapoque. Para Coudreau (1893) e Nimuendaju (1926), essa população era principalmente composta por “brasileiros refugiados” que falam dialetos até então identificados como próximos a família Wajãpi. Os registros de Anonby (2007) apontam que, em 1927, durante a inspeção Rondon, pelo governo brasileiro, seriam denominados como “Karipuna” os povos habitantes do rio Curipi, termo utilizado até hoje.

Conforme Gallois & Grupioni (2003), no decorrer desse processo, populações se isolaram em diferentes pontos de difícil acesso, como em áreas de várzea e da floresta, além de campos e rios próximos a cachoeiras. Contudo, no início do século XIX, as sociedades retomam o aldeamento na região do baixo Oiapoque. Os autores afirmam ainda que durante esse processo de realojamento, na virada no século XX, ameríndios foram “descobertos” novamente por extrativistas e pesquisadores tanto do lado brasileiro como nas fronteiras do Suriname e da Guiana Francesa.

Nesse mesmo período, segundo Anonby (2007) com a descoberta de ouro na região em 1854, muitos garimpeiros vindos de outras regiões do Brasil e de outros países se deslocaram aos rios Oiapoque e Curipi. Registra-se também a presença de escravos negros brasileiros fugidos ao longo do rio Curipi e dos regatões utilizados para fins comerciais (COUDREAU, 1893).

O fluxo intenso de pessoas na região ocasionou uma série de novas doenças as populações indígenas da região, tendo como resultado um grande número de mortes. A partir do quadro alarmante e de projetos com o intuito de “abrasileirar” as comunidades indígenas, pois essas seriam mais próximas dos costumes franceses, várias políticas assistenciais de saúde e educação foram implantadas pelo governo brasileiro na virada do século XIX/XX.

Tais medidas iniciam na região em 1920 com a criação da Comissão Colonizadora do Oiapoque e com a instalação de um posto do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, em 1930, no encontro dos rios Uaçá e Curipi, segundo Arnaud (1969). Devido ao fracasso do projeto colonizador, em meados da década de 40, decisões tomadas pelo governo afetariam grandemente a organização dos povos Galibi-Marworno e Karipuna.

A respeito dos Galibi-Marworno, Gallois & Grupioni (2003) dizem que, orientados pelos SPI, os agora autodenominados Galibi-Marworno³ passariam a viver em uma única localidade chamada de Santa Maria dos Galibis do Uaçá, atualmente aldeia Kumarumã, devido a implantação da escola. Tassinari (2003) afirma que durante muito tempo a escola obrigou o uso exclusivo da Língua Portuguesa por parte dos indígenas, punindo-os fisicamente caso utilizassem a língua crioula, além da implantação fervorosa de costumes cristãos. As mesmas situações seriam vivenciadas pelos Karipuna com a chegada da escola em 1934 na aldeia Espírito Santo, que funcionaria por três anos na casa do chefe da aldeia. Em 1945, o SPI retorna ao Uaçá e ativa uma nova escola na aldeia Santa Isabel.

Embora os esforços para o prevalectimento da Língua Portuguesa nas aldeias, o crioulo prevaleceu entre os Galibi-Marworno e os Karipuna, substituindo as línguas faladas pelos seus ancestrais, conhecida como: Língua Galibi Antigo e Karipuna.

³ Segundo Anonby (2007), Galibi-Marworno é uma autodesignação bastante recente. Ela substitui termos como: "Galibi do Uaçá" ou, simplesmente, "do Uaçá", "Uaçauara" ou "mun Uaçá" ("gente do Uaçá", em crioulo).





Nesse momento a escola possuía o firme propósito “civilizador”. Tassinari (2002) afirma que as orientações do SPI eram de levar a “ordem” e o “progresso” às comunidades mais distantes para que os indígenas “amansassem”. A autora acrescenta que as escolas da região reforçavam o ideal “nacionalizador” através do ensino de História do Brasil, da Língua Portuguesa e proibição do uso da língua indígena, o Kheuól.

Assis (1981) reforça que a situação era tão comovente ao ponto de os professores serem aconselhados a castigar os indígenas que falassem suas línguas maternas, pois eram consideradas “dialetos selvagens”. A pesquisadora afirma que, segundo os indígenas mais antigos da região, os professores proibiam o uso do Kheuól até mesmo nos domicílios, pois o objetivo do SPI era reduzir as influências francesas da região para, dessa forma, legitimar como parte do território brasileiro.

De acordo com Bastos (2013), o grande despertar da situação em que os povos do Baixo Oiapoque viviam somente ocorreu com o marco legal realizado por meio do Conselho Indigenista Missionário – CIMI e da Fundação Nacional do Índio – FUNAI em 1971 com a chegada do Padre Nello Ruffaldi na região, pois, com o desenvolvimento de projetos relacionados à valorização cultural indígena, ocorreu a implantação da primeira escola bilíngue com incentivo do uso do Kheuol e do Português.

Em seguida, conforme Silva (2011), tem-se o registro da elaboração de um dicionário português/kheuól/português, realizado pelos missionários do SPI. Tal fato proporcionou maior animo para a introdução factual da escola bilíngue, onde os alunos poderiam ser alfabetizados na língua indígena. O autor afirma ainda que, em 1986, é criada a primeira turma de ensino supletivo destinado à formação de professores Galibi-Marworno e Karipuna, com a realização do Curso de Formação de Professores (magistério), em regime modular.

Em seguida, registra-se a elaboração do Currículo de Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas Galibi-Marworno e Karipuna, com publicação em 2006. O currículo (2006) ressalta a importância do ensino bilíngue, pois, “a escola bilíngue ideal para os povos indígenas do Oiapoque é aquela em que professores e alunos expressam e transmitem seus conhecimentos com competência comunicativa nas línguas Kheuól e Português”.

No tocante as características linguísticas dos povos Galibi-Marworno e Karipuna, embora sejam classificados com a mesma língua, o Kheuól (crioulo de base francesa), eles se diferem em diversos domínios linguísticos.

De acordo com Tobler (1983), os Karipuna falam um dialeto com originário do crioulo guianense, com acréscimo de palavras da sua língua ancestral e palavras aportuguesadas. O autor acrescenta que a língua original possui ligações genéticas com o troco Tupi faladas na Amazônia. Já os Galibi-Marworno, segundo Anonby (2007), falam Kheuól a muito mais tempo que os Karipuna, pelo menos há 100 anos.

Anonby (op cit.), acrescenta ainda que os referidos povos apresentam algumas diferenças fonológicas, pois o Galibi-Marworno apresentam uma variedade muito mais próxima da língua falada pelo povo de Saint-Georges (cidade que faz fronteira com o Oiapoque) do que o Karipuna. As pesquisas do autor apontam que não há problemas na compreensão entre falantes de ambas as etnias, assim como poderia existir entendimento com falantes de outras variedades de crioulo de base francesa, como por exemplo o de Santa Lúcia e da Martinica.





Segundo Alleyne & Ferreira (2007), a variedade falada pelos Galibi-Marworno tem tendência às vogais media-abertas [ɛ] em sílabas abertas, enquanto a Karipuna prefere a vogal métrica fechada [e], como em late [late] (Karipuna) vs. laté [latɛ] (Galibi); terra, bõswe [bõswe] (Karipuna) vs. bõswé [bõswɛ] (Galibi). Vidal (2000) e Picanço Montejo (2000) confirmam que tais povos falam a mesma língua, o que os diferencia é apenas a pronúncia: os Karipuna pronunciam com o som mais fechado e os Galibi mais aberto.

O Kheuól por muito tempo foi utilizado como língua franca para relações entre Galibi-Marworno, Karipuna e Palikur, porém, segundo os colaboradores desta pesquisa, atualmente a língua utilizada para comunicação com os outros povos é a portuguesa. Essa situação revela como a imposição feita pelo governo brasileiro com o objetivo de “desfrancesar” as populações do baixo Oiapoque foram de certa forma eficazes.

Gomes (2012) revela que os referidos povos apresentam diferentes graus de contato com a sociedade não indígena. Em algumas comunidades, o contato tem permitido o avanço progressivo do Português sobre a língua indígena. Sobre os Karipuna, Santos (2009 apud CAMPETELA et al., 2017, p. 153), pesquisadora indígena, afirma que:

É verdade que a Língua Kheuól vem sendo cada vez menos usada pelas gerações mais novas. Isso pode ser um problema para a nossa memória coletiva, para a preservação dos nossos conhecimentos, pois através da Língua fazemos o registro, contamos tudo o que vivemos. Sendo assim, para aumentar o uso da Língua Kheuól na comunidade de Santa Izabel, nós pesquisamos políticas linguísticas que outras comunidades já adotaram e vamos fazer propostas com o objetivo de envolver a comunidade no compromisso de usar cada vez mais a Língua Kheuól.

Nota-se que ainda há poucos registros sobre a atual situação linguística dos povos citados, demonstrando que existe muita coisa a se fazer. Dessa forma, este artigo é um recorte do *corpus* coletado em aldeias Kumarumã e Tukay (Galibi-Marworno) e no Manga e Santa Isabel (Karipuna) durante minha pesquisa de mestrado de 2017 a 2019.

Na seção a seguir abordo alguns conceitos sobre bilinguismo para melhor compreensão da situação linguística das aldeias pesquisadas em que tanto a língua Kheuól como o Português dividem (ou não) os mesmos espaços sociais.

3. Bilinguismo

Os estudos linguísticos nas últimas décadas têm dado maior atenção aos efeitos ocasionados pelo contato entre línguas. Atualmente é inevitável reconhecer o impacto linguístico que o recorrente fluxo migratório e a mobilidade humana têm atuado tanto no plano físico quanto no virtual, tendo em vista que populações entram em contato com povos falantes de línguas totalmente diferentes a todo momento.

As línguas têm estado em contato certamente por milhares de anos, provavelmente desde o começo da humanidade (pelo menos muito perto do começo), tão logo os humanos falaram mais de uma língua (THOMASON, 2001). Sendo assim, “desde que as línguas começaram a se diversificar, acompanhando o movimento das populações, começou também a haver contato de línguas” (COUTO, 2009, p. 150) e conseqüentemente interações bilíngues.





A investigação do bilinguismo é um campo amplo e complexo, incluindo o estudo da natureza do conhecimento do indivíduo bilíngue e o uso de duas (ou mais) línguas, bem como as implicações sociais e culturais mais amplas do uso generalizado de mais de uma língua no mundo, uma determinada sociedade.

Conforme Romaine (1992), o Bilinguismo tem sido definido e descrito de diversas formas como o decorrer do tempo por meio de categorias, escalas e dicotomias, tais como: bilíngue ideal e/ou parcial; coordenado e/ou composto; entre outros, sempre ligados a fatores como proficiência, função etc.

Pela perspectiva de Bloomfield (1933) e Weinreich (1953), o indivíduo bilíngue deveria obedecer ao critério de 'controle nativo de duas línguas'. Por outro lado, Haugen (1953) observa que o bilinguismo começa quando o falante de uma língua pode produzir enunciados significativos completos em outra língua. No entanto, Diebold (1964) apresenta uma outra definição para bilinguismo ao usar o termo “bilíngue incipiente” para caracterizar os estágios iniciais de contatos linguísticos.

A partir da caracterização do bilinguismo feita por Diebold em que o falante não precisa ser proficiente em uma determinada língua para ser considerado bilíngue, subentende-se que embora o falante não tenha o controle produtivo sobre determinada língua - mas seja capaz de compreender enunciados -, também seja considerado bilíngue.

Essa definição, também chamada de “semi-bilinguismo” por Hockett (1958), torna-se problemática devido ao contexto em que a maioria da população mundial possui contato de alguma forma com outra (as) língua (as), sendo assim, eles também seriam considerados bilíngues por Diebold.

Em vista disso, Mackey (1968) discute a amplitude que o conceito de bilinguismo tomou, tendo em vista a ampla definição feita por Haugen (1953) incorpora todo o processo de aquisição de segunda língua dentro do escopo de estudo do bilinguismo. Dessa forma, Mackey (op cit., p. 555) conclui que: “para estudar o bilinguismo somos forçados a considerá-lo como algo inteiramente relativo, porque o ponto em que o falante de uma segunda língua se torna bilíngue é arbitrário ou impossível de determinar”. Ele, portanto, considera o bilinguismo como simplesmente o uso alternativo de duas ou mais línguas. Depois dele, outros autores⁴ também passaram a usar o termo "bilinguismo" sinônimo de “multilinguismo”. Sendo assim, acredita que o campo deve lidar não apenas com o bilinguismo individual, mas também com as circunstâncias que envolvem a sua criação, ou seja, comunidade em que o falante está inserido como um todo.

De um modo geral, observa-se as definições anteriores tendiam a restringir o bilinguismo ao domínio igual de duas línguas, enquanto as posteriores permitiam uma variação muito maior na competência.

Neste artigo levei em consideração o conceito de bilinguismo dado por Mackey (1968), tendo em vista a utilização da língua Kheuól e o Português nas aldeias Galibi-Marworno e Karipuna, em Oiapoque. Na seção seguinte será destacado quais métodos e instrumentos foram utilizados para a realização deste trabalho.

⁴ Ver Hakuta (1986) e Romaine (1989).





4. Metodologia

O presente artigo propõe uma breve descrição e análise das respostas de três perguntas do Questionário Sociolinguístico (em anexo) do Projeto Atlas Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras (CABRAL et al., 2015), sendo elas: “Como aprendeu a falar Kheuól/Português?”; “Com quem você fala Kheuól/Português?” e; “Em que locais e situações você fala Kheuól/Português?”.

Destaco que o corpus utilizado neste trabalho é um recorte da pesquisa que realizei de 2017 a 2019, durante o mestrado (Estudos Linguísticos) no Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA, com bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Apresento, em seguida, a metodologia utilizada nesta pesquisa.

Rede de pontos

Para a coleta de dados foram selecionados quatro pontos de inquérito, sendo duas aldeias Galibi-Marworno (Kumarumã e Tukay) e duas Karipuna (Manga e Santa Isabel). Para tal seleção, considerou-se critérios como:

- i. distância geográfica à sede municipal de Oiapoque e a proximidade com a área de fronteira com a Guiana Francesa;
- ii. histórico de povoamento da região;
- iii. contatos linguísticos de diversas origens;
- iv. contingente populacional das aldeias

Colaboradores

A respeito dos sujeitos da pesquisa, selecionou-se quatro colaboradores para cada ponto de inquérito, sendo duas do sexo feminino (F) e dois do masculino (M) – divididos em duas faixas etárias: A (18 a 37 anos) e B (47 a 75 anos)-, com o propósito de garantir ao menos a representação mínima dos povos pesquisados, conforme os seguintes fundamentos:

- i. ser natural da aldeia investigada;
- ii. possuir pais também naturais da mesma aldeia ou ser ao menos do povo;
- iii. não ter se afastado da aldeia por mais de 3 anos;
- iv. ser comunicativo

5. Descrição e análise dos resultados

Nesta seção objetivou-se apresentar sucintamente as respostas referente a percepção dos colaboradores da pesquisa em relação as línguas e sociedade através de duas perguntas a saber: (i) Como aprendeu a falar kheuól/português?; (ii) Com quem você fala kheuól/ português?

Para a análise dos resultados descritos, destaco que as respostas referentes às três perguntas acima poderiam ter mais de uma opção escolhida pelo colaborador, sendo assim, os valores a seguir correspondem as respostas em si, não necessariamente o número de colaboradores desta pesquisa.





“Como aprendeu a falar Kheuól/Português?”

Tendo em vista o contexto desta pesquisa em que a língua Kheuól é identificada como língua materna tanto do povo Galibi-Marworno (GM) quanto dos Karipuna (KA), além de que o Português tem estado presente na região há pelo menos meio século, quando perguntados “Como aprendeu a falar a língua Kheuól?”, as respostas foram as seguintes:

Quadro 1: Como aprendeu a falar Kheuól?

	Família		Escola		Eventos Religiosos		Trabalho		Contato	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
GM	8	20,5%	8	20,5%	8	20,5%	7	17,9%	8	20,5%
KA	8	32,0%	4	16,0%	8	32,0%	1	4,0%	4	16,0%
Total	16	25,0%	12	18,8%	16	25,0%	8	12,5%	12	18,8%

Conforme o quadro 1, observa-se que respostas mais populares foram “família” e “eventos religiosos” tanto para os Galibi-Marworno quanto para os Karipuna, pois, segundo os colaboradores, esses seriam os ambientes mais propícios aos usos da língua indígena com destaque aos eventos religiosos, principalmente no que eles identificam como “reza da cura”⁵. Observa-se ainda que o local de trabalho dos falantes Karipuna pesquisados não tem forte presença do Kheuól no cotidiano.

Para a língua portuguesa os resultados obtidos foram:

Quadro 2: Como aprendeu a falar Português?

	Família		Escola		Eventos Religiosos		Trabalho		Contato	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
GM	1	12,5%	6	75,0%	0	0%	0	0%	1	12,5%
KA	8	21,6%	5	13,5%	8	21,6%	8	21,6%	8	21,6%
Total	9	20,0%	11	24,4%	8	17,8%	8	17,8%	9	20,0%

A respeito do português, é evidente que o maior local de aprendizagem da língua é através da escola para os Galibi-Marworno e para os Karipuna é através de diversos espaços sociais, incluindo a escola. Esse contexto nos remete a situação linguística de que os falantes Galibi-Marworno reservam o português para o ambiente escolar, já os Karipuna utilizam mais o português no dia-a-dia, proporcionando, conseqüentemente, maiores espaços de interação com a língua.

O quadro 2 destaca também o fato da não presença da língua portuguesa no local de trabalho dos falantes Galibi-Marworno entrevistados. A seguir serão apresentados os resultados relativos a quem o falante bilíngue se comunica nas línguas kheuól e português.

⁵Os povos Galibi-Marworno e Karipuna denominam como “reza da cura” o momento em que alguém da comunidade está enfermo e outra pessoa próxima afetivamente a faz uma oração pedindo à Deus sua cura.





“Com quem você fala Kheuól/Português?”

Em 5.1 foi destacado os espaços aonde os falantes tanto Galibi-Marworno quanto Karipuna aprenderam a falar tanto kheuól quanto português, em 5.2 nos interessa saber com quem esses falantes utilizam ambas as línguas. O quadro 3 apresenta os dados de kheuól:

Quadro 3: Com quem você fala Kheuól?

	Avós		Pais		Irmãos		Parentes		Vizinhos		Amigos		Não indígena	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
GM	8	16,7%	8	16,7%	8	16,7%	8	16,7%	8	16,7%	8	16,7%	0	0%
KA	3	11,5%	7	26,9%	3	11,5%	8	30,8%	3	11,5%	2	7,7%	0	0%
Total	11	14,9%	15	20,3%	11	14,9%	16	21,6%	11	14,9%	10	13,5%	0	0%

O quadro 3 destaca que todos os colaboradores Galibi-Marworno entrevistados utilizam a língua kheuól para falar com entes próximos, não a utilizando apenas com pessoas não indígenas que visitam as aldeias. Por outro lado, os Karipuna embora utilizem o kheuól com pessoas próximas ao seu círculo social, não foram todos os colaboradores que afirmaram utilizar e, assim como os Galibi-Marworno, não utilizam a língua indígena para com não indígenas. A seguir serão observados os dados sobre o português.

Quadro 4: Com quem você fala Português?

	Avós		Pais		Irmãos		Parentes		Vizinhos		Amigos		Não indígena	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
GM	0	0%	1	11,1%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	8	88,9%
KA	5	9,6%	8	15,4%	7	13,5%	8	15,4%	8	15,4%	8	15,4%	8	15,4%
Total	5	8,2%	9	14,8%	7	11,5%	8	13,1%	8	13,1%	8	13,1%	16	26,2%

No quadro 4 pode ser observado que português é utilizado com maior frequência no cotidiano pelos Karipuna do que pelos Galibi-Marworno. Destaca-se ainda o dado referente aos “não indígenas”, pois foi com quem houve os maiores registros dos Galibi-Marworno, já os Karipuna aparecem bem descentralizados na utilização do português com pessoas próximas nas aldeias.

De modo geral, observamos que o conjunto de perguntas acima referentes ao bilinguismo dos participantes dessa pesquisa, sendo eles Galibi-Marworno ou Karipuna, nos proporciona a reflexão de que embora ambos os povos falem a “mesma língua”, o bilinguismo nas aldeias é bastante diferente, tendo em vista que a língua kheuól apresenta maior vitalidade nas aldeias Galibi-Marworno pesquisadas, pois, embora os Karipuna ainda utilizem o kheuól nas aldeias pesquisadas, eles têm se comunicado muito mais em português durante as atividades cotidianas.





6. Conclusão

Neste artigo apresentou-se a descrição e uma análise breve das respostas de duas perguntas do corpus coletado em duas aldeias Galibi-Marworno (Kumarumã e Tukay) e duas Karipuna (Manga e Santa Isabel) durante minha pesquisa de mestrado realizada de 2017-2019. Ambas as perguntas visam o bilinguismo referente às línguas kheuól e português.

Observou-se que línguas kheuól e português são presentes nas quatro aldeias pesquisadas. No cotidiano dos falantes Galibi-Marworno a língua mais “forte” é o kheuól, tendo em vista que as ações cotidianas são todas feitas na língua indígena, já o português é reservado apenas quando há contato com não indígenas. Para os Karipuna entrevistados, a língua mais utilizada no cotidiano é o português, sendo que o kheuól é mais falado na escola e em eventos religiosos, principalmente com as pessoas mais velhas da família.

Referências

- ALLEYNE, M. C.; FERREIRA, J. S. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. Synchronic and diachronic perspectives on contact *languages*, v. 32, p. 325, 2007.
- ANONBY, S. *A report on the Creoles of Amapá*. Cuiabá: Summer Institute of Linguistics - SIL, 2007.
- ARNAUD, E. Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira. In ARNAUD, E. *O índio e a expansão nacional*. Belém: Cejup, 1989. p. 87-128.
- ASSIS, E. C. *Escola indígena, uma “frente ideológica”*. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Brasília, 1981.
- BASTOS, C. M. C. B. Educação escolar indígena no Oiapoque nos anos do regime militar: dialogando com as fontes documentais. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social, 2013, Natal. *Anais...* Natal: ANPUH, 2013, p. 1-11.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.
- CAMPETELA, C. et alli. *Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. Linguística*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Linguística UFRJ, v. 13, n. 1., p. 151-167, 2017.
- CABRAL, A. et alli. L’Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: um projet em cours. *Géolinguistique*, Grenoble, n. 15, p. 215-227, 2015.
- CARVALHO, A. C. *Estudo geossociolinguístico do português falado em áreas indígenas Galibi-Marworno e Karipuna*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- COUDREAU, H. A. *Chez nos Indiens: quatre années dans la Guyane Française*. Paris: Hachette et cie, 1895 [1887-1891].
- COUTO, H. H. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDÍGENAS KARIPUNA, GALIBI-MARWORNO, PALIKUR E GALIBI-KALINÃ NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE. 2. ed. Oiapoque/AP, 2006.
- DIEBOLD, A. Incipient bilingualism. In: HYMES, D. (ed.). *Language in culture and society*. New York: Harper





and Row, 1964, p. 495-511.

GALLOIS, D. T.; GRUPIONI, D. F. *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* São Paulo: Iepé, 2003.

GOMES, A. A. S. Português brasileiro em uso por professores indígenas no Estado do Amapá. *Anais do SIELP*, v. 2, n. 1, 2012.

HAKUTA, K. *Mirror of language: the debate on bilingualism*. New York: Basic Books, 1986.

HAUGEN, E. *The Norwegian language in America: a study in bilingual behavior*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.

NIMUENDAJU, C. T. *Die Palikur Indianer und ihre Nachbarne*. Kungl. Vetenshaps – Och Vitterhets-Samnaelles Handlingar, Goetborg: Fjaerde Foeljden, 1926.

PICANÇO MONTEJO, F. A língua Karipúna do Amapá. *Papia* v. 13, n. 2, p. 46–50, 2003.

PICANÇO MONTEJO, F. Masak, Masak: kaml! As adivinhas do povo Karipuna: aspectos do contexto geografico, sociocultural e linguístico. *I Encontro de Estudos Crioulos*, 2000.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1992.

ROMAINE, S. The role of children in linguistic change. In: BREVIK, L. E.; JAHR, E. H. (eds.). *The causes of linguistic change: do we know them yet?* Mouton: De Gruyter, 1989, p. 369-83.

SILVA, R. G. Educação Escolar na Fronteira do Brasil entre os Karipuna e Galibi-Marworno: da Assimilação à Autonomia. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais...* ANPUH, 2011.

TASSINARI, A. M. I. *No Bom da Festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: EdUSP, 2003.

TASSINARI, A. M. I. (org.). *Educação indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização*. Editora UFSC, 2012.

THOMASON, S. G. *Language Contact: an introduction*. Washington, D.C: Georgetown University Press, 2001.

TOBLER, S. J. *The Grammar of Karipúna Creole*. Brasília: SIL. 1983.

VIDAL, L. B. Outros viajantes. *Revista USP*, n. 46, p. 42-51, 2000.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. New York: Linguistic Circle of New York Publication, 1953.



**ANEXO – Questionário Sociolinguístico****Bilinguismo dos participantes da entrevista**

1. Quanto ao Kheuól, qual é grau de bilinguismo dos entrevistados?

1.1 fala:

a. bem b. razoável c. mal

1.2 entende:

a. bem b. razoável c. mal

1.3 lê:

a. bem b. razoável c. mal

1.4 escreve:

a. bem b. razoável c. mal

1.5 canta:

a. bem b. razoável c. mal

1.6 imita:

a. bem b. razoável c. mal

1.7 xinga:

a. bem b. razoável c. mal

1.8 reza:

a. bem b. razoável c. mal

1.9 pensa:

a. bem b. razoável c. mal

1.10 sonha:

a. bem b. razoável c. mal

2. Como aprendeu a falar Kheuól?

a. família b. escola c. eventos religiosos d. trabalho e. contato

3. Com quem você fala Kheuól?

a. avós b. pais c. irmãos d. parentes e. vizinhos f. Amigos g. não indígenas

4. Em que locais e situações você fala Kheuól?

a. Em casa b. na igreja c. nas festas d. na rua e. em reuniões

5. Quanto ao Português, qual é grau de bilinguismo dos entrevistados?

5.1 fala:

a. bem b. razoável c. mal

5.2 entende:

a. bem b. razoável c. mal





5.3 lê:

a. bem b. razoável c. mal

5.4 escreve:

a. bem b. razoável c. mal

1.5 canta:

a. bem b. razoável c. mal

5.6 imita:

a. bem b. razoável c. mal

5.7 xinga:

a. bem b. razoável c. mal

5.8 reza:

a. bem b. razoável c. mal

5.9 pensa:

a. bem b. razoável c. mal

5.10 sonha:

a. bem b. razoável c. mal

6. Como aprendeu a falar Português?

a. família b. escola c. eventos religiosos d. trabalho e. contato

7. Com quem você fala Português?

a. avós b. pais c. irmãos d. parentes e. vizinhos f. amigos g. não indígenas

8. Em que locais e situações você fala Kheuól?

a. Em casa b. na igreja c. nas festas d. na rua e. em reuniões

9. Quais línguas você fala?

10. Você entende outra língua que não fala? Quais?

11. Qual das línguas você aprendeu primeiro? E qual foi a segunda? Quantos anos tinha?

12. Todas as pessoas daqui falam português? Quem?

13. Em quais situações você utiliza outra língua diferente do português e do kheuól?

14. Quais línguas são faladas em sua família?

15. Quais línguas você escreve?





Bilinguismo na comunidade

16. Todas as pessoas daqui falam Kheuól?
17. Quando vem uma visita, que língua vocês usam? E se a visita fala só português ou só kheuól?
18. Que línguas são faladas na comunidade?
19. Como você avalia o kheuól em termos de língua falada no lugar?
20. O que você espera que o governo faça para preservar o kheuól?
21. E o que a comunidade tem feito para preservar o kheuól?

